

## Coleção de genótipos silvestres e cultivados de *Dioscorea*.

Paulo César Lemos de Carvalho<sup>1</sup>  
Rogerson Lemos de Carvalho<sup>2</sup>

O gênero *Dioscorea* é o mais importante da família Dioscoreaceae, apresentando cerca de 600 espécies, embora talvez existam algumas que ainda sejam desconhecidas para a ciência. Além disto, as espécies já catalogadas necessitam de revisão taxonômica para uma redefinição mais exata, evitando-se sinonímias e duplicatas; trabalho que pode ser realizado inicialmente através de caracterização botânica por descritores bem estabelecidos e numa fase mais avançada, utilizando-se métodos moleculares para os casos mais difíceis, face o alto custo do processo.

Embora seja elevado o número de espécies de *Dioscorea*, apenas cinco são consideradas importantes na alimentação humana: *D. cayenensis*, *D. alata*, *D. bulbifera*, *D. esculenta* e *D. trifida*. Destas, apenas *D. trifida*, é brasileira, sendo as outras de origem africana e asiática ( Montaldo, 1991 ). No entanto, no litoral baiano, mais especificamente desde Valença até Porto Seguro, é consumido um tipo de inhame, conhecido como quissare pelas comunidades locais. Esta planta apresenta tubérculos disformes, peso elevado e a massa de cor amarela, sendo utilizado na confecção de cuscuz, e uma espécie de paçoca. Até o momento não foi encontrado qualquer registro deste genótipo na literatura, podendo se tratar de uma nova espécie.

A maior produção de inhame no Brasil ocorre no Nordeste, especialmente nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Piauí, seguidos de outros de menor importância. Os agricultores cultivam basicamente a espécie *D. cayenensis*, conhecida vulgarmente como 'roxo da costa', embora sejam utilizados também alguns clones de *D. alata*, como o 'cará São Tomé 'e o inhame 'corneta '. Vale ressaltar que ocorre em menor escala o cultivo do inhame 'mimoso 'ou 'inhambu' (*D. trifida* ) e do inhame 'fígado' (*D. bulbifera*). Em casos esporádicos encontra-se o cultivo de alguns clones de *D. cayenensis* como acontece com o inhame de 'espinho', genótipo com tubérculos disformes e com reduzido valor no mercado, não chegando a despertar o interesse dos agricultores que buscam os melhores acessos no que diz respeito principalmente à forma do tubérculo e à qualidade da massa.

Os agricultores que cultivam inhame enfrentam uma série de dificuldades geradas pela falta de informações técnicas sobre o manejo da cultura, face a escassez de pesquisa nesta área. Entre os diversos problemas que comprometem a produtividade pode-se enumerar em ordem de prioridade:

---

<sup>1</sup> Professor M.Sc da EAUFBA, 44380-000, Cruz das Almas, BA

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Graduação de Agronomia, EAUFBA, Cruz das Almas, BA

- 1- meloidoginoses que provocam a formação do tubérculo encaroçado,
- 2 - ataque do *Scutellonema* que leva à depreciação do tubérculo, sendo conhecido como casca preta ou inhame queimado,
- 3 - queima das folhas provocada pelo fungo *Curvularia eragrostidis*,
- 4 - levantamento dos leirões que irá influenciar decisivamente na forma do tubérculo,
- 5 - mecanismo da comercialização que se encontra saturada de atravessadores destruidores da fonte,
- 6 - fertilização: orgânica e química; doses, época,
- 7 - irrigação; tipo, frequência,
- 8 - tipo de muda - estimular a produção de viveiros de mudas sadias
- 9 – tutoramento

No momento de comercializar sua produção o agricultor encontra diversas dificuldades, começando pela desonestidade dos atravessadores; normalmente pessoas de outros Estados, que após comprar o inhame em diversas propriedades, nunca mais voltam para quitar o débito, deixando parte considerável dos produtores em situação difícil, principalmente para aqueles que se comprometeram com agentes financeiros. Além disto, os referidos atravessadores fazem uma seleção excessivamente exigente na separação dos tubérculos, colocando valores irrisórios para aqueles com ataque de nematóides juntamente com os deformados, normalmente conseqüência de problemas no levantamento dos leirões.

O tamanho do tubérculo constitui um fator importante na definição do mercado consumidor. Segundo Santos ( 1996 ), os tubérculos com peso entre 0,70 e 1,50 kg são destinados ao mercado dos EUA; 1,60 até 2,00 kg exportados para a França e entre 2,10 e 3,00 kg são destinados a outros mercados europeus, enquanto que aqueles com peso superior a 3 kg constituem o tipo não exportação, alcançando preços inferiores. Desta forma, deve-se identificar os fatores responsáveis pela obtenção destes tubérculos maiores, no sentido de priorizar aqueles tipo exportação, que permitirá uma melhor remuneração ao produtor. O tipo e a quantidade de adubo, assim como a irrigação devem fazer parte dos fatores que determinam a produção de tubérculos mais pesados.

Quando se consideram os custos da implantação da cultura, verifica-se que o fator mais oneroso é a aquisição do material de propagação. Assim, torna-se importante definir o tipo e o tamanho do tubérculo-semente, que irá influenciar não só na despesa de instalação da lavoura, como também poderá interferir no tamanho do tubérculo final. Camargo e Boock (1944) trabalhando com três tamanhos de sementes de inhame; 50g, 150g e 350g, concluíram que as maiores revelaram-se mais produtivas, embora economicamente, seja preferível o uso de tubérculo-semente menor, justificado pelo emprego de menos capital na aquisição das sementes, sem haver perdas significativas na produtividade.

Ainda com relação ao material de propagação do inhame, (Onwueme, 1978) informa que o melhor tipo de semente consiste nos tubérculos inteiros ou em pedaços originados da região apical, em conseqüência da rapidez na brotação quando comparados com as outras partes, o que conduz a um substancial aumento no rendimento final.

O acompanhamento realizado junto aos produtores de inhame no Recôncavo da Bahia, algumas áreas de Sergipe, e Alagoas permitiram realizar este diagnóstico, que de um modo geral reflete pelo menos em parte as

dificuldades que os agricultores enfrentam durante a condução desta lavoura. O fato mais grave é a inexistência de trabalhos de pesquisa que poderiam resolver pelo menos os problemas mais graves, como é o caso dos nematóides, que, segundo Santos (1996 ) não existe até o momento qualquer tipo de defensivo agrícola registrado para esta cultura no Ministério da Agricultura.

A Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia vem tentando contribuir na geração de resultados que contribuam de alguma forma para a resolução dos problemas com esta cultura. Numa primeira tentativa, se encontra em formação uma coleção de genótipos de *Dioscorea*, pois se trata de uma estratégia para evitar a perda indiscriminada de gens cujo potencial se desconhece, além de constituir uma reserva genética para alimentar trabalhos de melhoramento com esta cultura no momento que se fizer necessário. Esta coleção está sendo formada através de coletas em áreas de produtores, através do reconhecimento de materiais com alguma característica peculiar, que permita ser reconhecido como um genótipo diferente. Até o momento foi possível coletar e manter em condições de campo os seguintes acessos:

| <b>Código do acesso</b> | <b>espécie</b>                        | <b>local de coleta</b> | <b>nº de plantas</b> |
|-------------------------|---------------------------------------|------------------------|----------------------|
| PCI - 1                 | <i>D. cayenensis</i> ( espinho )      | Boquim -               | 5                    |
| PCI 2                   | <i>D. alata</i> (jibóia )             | Boquim -               | 5                    |
| PCI - 3                 | <i>D. bulbifera</i> ( fígado )        | São Felipe-            | 5                    |
| PCI - 4                 | <i>D. bulbifera</i> (fígado )         | São Felipe-            | 5                    |
| PCI - 5                 | <i>D. trifida</i> ( mimoso )          | Valença-               | 5                    |
| PCI - 6                 | <i>D. trifida</i> ( mimoso )          | São Felipe -           | 5                    |
| PCI - 7                 | <i>D. trifida</i> (mimoso-roxo)       | Valença                | 5                    |
| PCI - 8                 | <i>Xanthosoma spp.</i> (mangarito) -  | São Félix -            | 10                   |
| PCI - 9                 | <i>D. bulbifera</i> ( fígado )        | Cruz das Almas-        | 5                    |
| PCI - 10                | <i>D. trifida</i> ( mimoso ) -        | Cruz das Almas -       | 5                    |
| PCI - 11                | <i>D. cayenensis</i> ( boca funda)    | Maragogipe-            | 5                    |
| PCI - 12                | <i>D. cayenensis</i> ( roxo da costa) | São Felipe -           | 5                    |
| PCI - 13                | <i>D. alata</i> (São Tomé )           | Sapé -                 | 8                    |
| PCI - 14                | <i>D. cayenensis</i> (ramas roxas )   | Maceió -               | 8                    |
| PCI - 15                | <i>Colocasia spp.</i> ( cocó )        | Maragogipe -           | 10                   |
| PCI - 16                | <i>Dioscorea sp.</i> (kissare)        | Itacaré -              | 5                    |
| PCI - 17                | <i>Dioscorea sp.</i> (kissare )       | Camamu                 | 5                    |
| PCI - 18                | <i>Dioscorea sp.</i> (kissare)        | Ituberá -              | 5                    |
| -PCI - 19               | <i>D. cayenensis</i> (penca)          | Maragogipe -           | 5                    |
| PCI - 20                | <i>D. cayenensis</i> (espinho ) -     | Maragogipe -           | 5                    |

### **Referências bibliográficas**

- Camargo, A. P.; Boock, O. J. Influência do tamanho do tubérculo-semente na produção do cará. **Bragantia**, Campinas, v. 4, p.627-640, 1944.
- Montaldo, A. **Cultivo de Raices Y Tubérculos Tropicales**. IICA; San José, 1991.408p.
- Onwueme, I. C. **The Tropical Tuber Crops (Yams, Cassava, Sweet potato and cocoyam )**. Toronto, John Wiley & Sons, 1978. 234p.
- Santos, E. S. dos. **INHAME (Dioscorea spp.) Aspectos Básicos da Cultura**, EMEPA-SEBRAE-PB, 1996.158p.